

ANÁLISE DA EFICÁCIA DO REMANEJO NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ANÁPOLIS/GO.

Célia Evangelista da Silva– SEMED¹

Claudia Maria da Costa– SEMED²

Resumo: O presente estudo é uma pesquisa qualitativa e quantitativa redigida em forma de relato de experiência a fim de descrever a ação de alfabetização com o nome de Remanejamento proposta pela Secretaria Municipal de Educação de Anápolis/GO, através do Departamento Pedagógico dos Anos Iniciais com o objetivo de oportunizar todas as crianças apropriarem-se do código de escrita ao término do segundo ano de escolarização. Espera-se que este estudo possa servir de embasamento a outros municípios com problemática semelhante nas suas unidades escolares. Será apresentado o referencial teórico norteador dessa ação, o contexto da implementação e possível contribuição no êxito do processo de construção da escrita dos alunos. A metodologia utilizada será questionário com os professores da rede, visitas da Assessoria Pedagógica *in loco*, relato dos profissionais de educação, gráficos e tabelas.

Palavras-chave: Alfabetização, agrupamento, alunos e aprendizagem.

Abstract: The present study is a quantitative e qualitative research in form of written report to describe the action named Reassignment Proposal, by the Municipal Department of Education in Anápolis/GO, through the Pedagogical Staff of 1st and 2nd years. It aims to create opportunities for all children appropriate the written code in the end of 2nd year. It is expected that this study will serve as a theoretical basis to others Municipal Departments with similar problems in their schools. It will be presented the guiding theoretical reference of this action, the implementation context and possible contribution in the student's writing construction success. The methodology used will be questionnaire with school teachers, Pedagogical Assistance visits *in loco*, education professional reports, graphs and tables.

¹Pós Graduada em Docência no Ensino de Língua e Literatura (UnUCSEH), pela Universidade Estadual de Goiás, modulada na Secretaria Municipal de Educação de Anápolis no Departamento Pedagógico dos Anos Iniciais, atuando como Assessora Pedagógica. E-mail: morenaevangelista@gmail.com

²Pós Graduada em Administração Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), atualmente modulada na Secretaria Municipal de Educação de Anápolis no Departamento Pedagógico dos Anos Iniciais, atuando como Assessora Pedagógica. E-mail: cmcosta_32@hotmail.com

Keywords: Literacy, grouping, students and learning.

1. Introdução

A ação pedagógica do município de Anápolis direcionada para a alfabetização tem como objetivo propiciar o avanço nos conhecimentos das crianças no que se refere à apropriação do nosso código escrito, ainda no segundo ano de escolarização e que não chegaram à hipótese de escrita alfabética. A partir desta problemática devidamente comprovada através de dados concretos da Provinha Brasil³ e diagnóstico de hipótese de escrita do 2º bimestre do ano de 2012, surgiu a ação pedagógica com o nome de Remanejamento.

Pensando que o trabalho do professor em sala de aula se torna difícil com até seis níveis de desenvolvimento e que a tendência do professor é ensinar a maioria dos alunos que já são alfabéticos e que uma minoria de alunos de cada sala de aula não acompanha os conteúdos ensinados e que ao juntá-los percebemos uma grande quantidade de alunos que irão ficando esquecidas ao longo do processo, essa ação tem a pretensão de dar uma nova oportunidade com novas possibilidades para esses alunos ainda não alfabéticos, através de planejamento específico e encaminhamentos de atividades para a reflexão sobre a escrita e leitura para um grupo menor de alunos, fazendo um trabalho mais individualizado para que os alunos possam avançar em suas hipóteses de escrita. Os alunos alfabéticos também tem a oportunidade de continuar avançando com atividades adequadas para o seu nível.

O objetivo desta pesquisa é de considerar alguns aspectos da realidade na implantação da ação denominada Remanejamento e durante o processo como: os pontos positivos, negativos, aceitação dos profissionais, clareza na realização das intervenções e encaminhamentos de atividades para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, buscando a causa desta ação nas unidades escolares, e se já é possível identificar uma melhora nos resultados do desempenho dos alunos apontados ao término do 3º bimestre, sendo que ao final do ano letivo é que seria possível fazer uma análise mais detalhada com aplicação da Provinha Brasil/teste-2 e diagnóstico do 4º bimestre.

2. Teoria e prática

Antes de iniciar o assunto proposto neste estudo, faz-se necessário um breve relato das ideias da ação pedagógica, o Remanejamento com um referencial teórico numa perspectiva

³Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas nas escolas públicas, relaciona-se diretamente ao Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020).

sócioconstrutivista de alfabetização, destacando a participação ativa do sujeito com o objeto de estudo, onde as crianças interagem com a leitura e a escrita. Segundo Smolka (2000),

Apoiada em teorias psicolinguísticas (Chomsky, Goodman, Smith, Read) e assumindo a perspectiva da epistemologia genética piagetiana, Ferreiro desenvolveu uma pesquisa inovadora, pois reveladora de aspectos até então não considerados na relação das crianças com a linguagem escrita. (SMOLKA, 2000, p.17).

Os conhecimentos científicos da Psicogênese da Língua Escrita chegaram ao Brasil na década de 80 através da pesquisa de Emília Ferreiro e Ana Teberosky que revolucionou a alfabetização, não trouxeram um novo método, mas a partir desses conhecimentos possibilitaram a reflexão da prática do professor em sala de aula, no sentido do ensinar e do aprender, compreendendo alguns conflitos vivenciados pelos alunos nesta etapa de aprendizagem da leitura e escrita. Nessa perspectiva o professor trabalha com a problematização, fazendo os alunos pensarem sobre a leitura e escrita, ao contrário da prática realizada anteriormente, baseada na repetição e memorização. É sumamente importante realizar um diagnóstico de escrita com as crianças, para investimento das intervenções dos professores. Para Soares (2006),

A perspectiva psicológica é a que tem predominado nos estudos e pesquisas sobre a alfabetização. Sob essa perspectiva, estudam-se os processos psicológicos considerados necessários como pré-requisitos para a alfabetização, e os processos psicológicos por meio dos quais o indivíduo aprende a ler e a escrever. (SOARES, 2006, p.18).

Embasado na teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, faz-se necessário diagnosticar as crianças nas quatro fases de desenvolvimento, ou níveis de hipóteses de escrita, escolhe-se quatro palavras do mesmo campo semântico, pede-se para que escrevam a palavra, seguido de leitura, fazendo a marcação dessa leitura, inicia-se pela palavra polissílaba, depois a trissílaba, a dissílaba e por último a monossílaba, escolhe-se uma das palavras para fazer uma frase.

As interpretações dos professores quando as crianças se classificam em cada nível são: Pré-silábico 1 (PS1), onde as crianças nesta fase não sabem que escrevem com letras, usam sinais e desenhos para representar a escrita; Pré-silábico 2 (PS2), as crianças já sabem que escreve com letras, geralmente usam as letras do próprio nome, a leitura é global; Silábico sem valor sonoro (SSVS), entende que a nossa língua é silabada, que cada vez que abre a boca tem uma representação de letra, mas o grafema ainda não tem relação com o fonema e a leitura é silabada; Silábico com valor sonoro (SCVS), já faz correspondência entre o grafema e fonema, prevalecendo o som de uma consoante ou de uma vogal para cada som pronunciado; Silábico Alfabético (SA), ora escreve convencionalmente, ora coloca apenas uma letra para o fonema; Alfabético (A), escreve convencionalmente, sendo que é nesse

momento que deve-se fazer as correções ortográficas, pois a criança escreve do jeito que se fala. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999),

Entendemos por processo o caminho que a criança deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função da escrita, desde que esta se constitui no objeto da sua atenção (portanto, do seu conhecimento). Por se tratar de um tema já tão debatido no campo da educação, é conveniente esclarecer que não pretendemos propor nem uma nova metodologia da aprendizagem nem uma nova classificação dos transtornos da aprendizagem. Nosso objetivo é o de apresentar a interpretação do processo do ponto de vista do sujeito que aprende, tendo, tal interpretação, seu embasamento nos dados obtidos no decorrer de dois anos de trabalho experimental com crianças entre quatro e seis anos. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.17).

A compreensão sobre as hipóteses de escrita revolucionou o entendimento de alfabetização facilitando e esclarecendo quais as intervenções necessárias que devem ser direcionadas para cada criança em determinado nível para um possível avanço, onde é importante trabalhar com agrupamentos produtivos, fundamentado no princípio da cooperação dos parceiros mais experientes que podem ser as próprias crianças ou a professora.

Os professores não têm o hábito de pensar em práticas ou situações pedagógicas que modifiquem a cultura, historicamente consolidada, nas escolas. A saber, há uma única forma de ministrar o conteúdo em massa para um grupo de alunos de acordo com os critérios de agrupamento no início do ano letivo, a partir da série, idade, sexo e outros. Nota-se a dificuldade existente para os professores propor outras formas de agrupamento que visam a didática para a aprendizagem em determinados conteúdos da Matriz Curricular. Daí a dificuldade em lidar com a proposta do Remanejamento.

Embora os educadores utilizem os diagnósticos para identificar os níveis de hipótese de escrita, não propõem estratégias direcionadas para solucionar as dificuldades evidenciadas. Um exemplo são as formas de agrupamento móveis, através das quais o professor poderia intervir logo na fase do diagnóstico, oportunizando assim um avanço significativo na relação ensino e aprendizagem, sendo possível considerar também a homogeneidade do grupo. Segundo Zabala (1998),

Quando os alunos podem participar na construção de seu percurso escolar, além de garantir uma melhor predisposição para a sua aprendizagem, se dá chance para que eles assumam um conhecimento mais profundo de seu processo educacional e um maior grau de responsabilização. Em ambos os casos, a flexibilidade na constituição dos grupos faz com que dificilmente se produza um desfecho negativo. (ZABALA, 1998, p.120).

Em 1994⁴, as professoras Rosa Maria e Marly, ambas de uma mesma escola do Estado de São Paulo, relataram uma experiência em que se prontificaram a iniciar um trabalho a partir da análise da realidade em que cerca de 50% dos alunos do 1º Ciclo ainda não tinham se apropriado do código da escrita. As professoras pensaram em atividades permanentes para serem desenvolvidas com todos os alunos e direcionavam atividades extras para aqueles que terminavam primeiro. Diariamente, era destinado um momento específico para a realização de atividades com os alunos não alfabetizados.

Contudo, era necessário algo a mais. Após vários estudos, as professoras apresentaram a ideia para os demais professores da escola, que decidiram criar um grupo de estudo totalmente incorporado na rotina escolar, onde era proposto, um agrupamento flexível ou móvel, envolvendo todos os alunos do primeiro ciclo. Realizaram o diagnóstico, separaram as crianças aproximando os níveis de escrita, o que acontecia duas horas por dia, duas vezes por semana. Apenas uma professora não foi receptiva à ideia do agrupamento.

Muitos problemas foram relatados na experiência, tais como infrequência do professor por licença ou falta (justificada ou não), algumas salas cheias e ainda dificuldade de adaptação dos alunos com a professora. No entanto, os desafios foram superados e muitas vantagens foram sendo percebidas de modo que o objetivo principal da ação - fazer as crianças se apropriarem da leitura e escrita, foi alcançado com êxito.

Essa ação foi repetida em vários anos seguintes devido ao seu sucesso, pois as professoras acreditavam que o fracasso escolar está quase todo assentado na demora dos alunos para aprender a ler e a escrever no ensino fundamental.

As formas de agrupamentos dos alunos para que ocorra a aprendizagem, tornou-se necessária para satisfazer as situações pedagógicas específicas de forma intencional. Conforme Zabala (1998),

Os motivos que justificam os grupos móveis são diversos, embora o principal seja a necessidade de atender às características diferenciais da aprendizagem dos meninos e meninas. (...) Trabalhos que devem estar bem definidos, para que os grupos possam trabalhar autonomamente e seja possível favorecer a atenção personalizada por parte dos professores. (ZABALA, 1998, p.125).

Sabe-se que os benefícios dos agrupamentos móveis ou flexíveis são produtivos e devem ser intencionais, e considerando-se alguns aspectos como a heterogeneidade dos grupos fixos com algumas características semelhantes e a homogeneidade dos grupos móveis, de acordo com nível, interesses e particularidades específicas do grupo, com um bom

⁴ Experiência divulgada em 2001, em material específico para o Curso de Formação de Professores Alfabetizadores divulgados pelo Ministério da Educação no módulo 2, Unidade 1, Texto 5.

planejamento e intencionalidade bem definida, é sempre produtivo trabalhar algumas horas com este grupo. Segundo Zabala (1998),

Caso tenha a precaução de variar a configuração e o grau de homogeneidade dos grupos, conseguiremos, por um lado, aproveitar as vantagens que oferece o fato de poder trabalhar em alguns grupos momentos com grupos de alunos de características similares- sexo, nível interesses, etc. (ZABALA, 1998, p. 126).

3. Nosso contexto educacional

A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Anápolis/Goiás atende quase 35 mil alunos nas modalidades em Educação Infantil, Ensino fundamental de nove anos e Educação de Jovens e Adultos, distribuídos em 25 Centros de Educação Infantil (CMEI) e em 64 Unidades Escolares, incluindo as instituições conveniadas. O processo de ensino e aprendizagem oferecido está embasado em uma perspectiva teórica sóciointeracionista em consonância com o Projeto Político Pedagógico das Unidades Escolares e no que se refere à alfabetização, a prática do trabalho pedagógico é fundamentado na teoria de Emília Ferreiro e Ana Teberosk. Para Ferreiro e Teberosky (1999),

O fracasso escolar nas aprendizagens iniciais é fato constatável por qualquer observador. O que, porém, também prova a persistência das causas que o provocam; embora haja as boas intenções de educadores e de funcionários, o problema subsiste. Caberia perguntar – se, então, se as causas dos fracassados não ultrapassam os limites da escola para se converterem num problema do sistema educacional como tal. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, P.18)

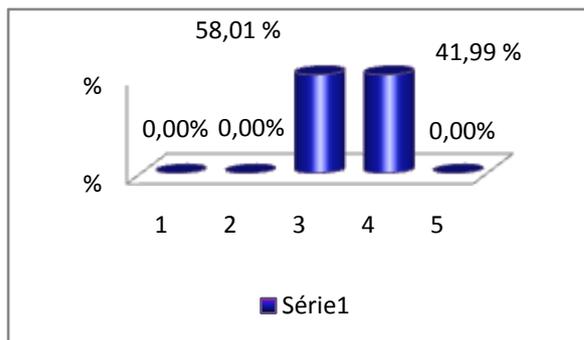
A Secretaria Municipal de Educação de Anápolis (SEMED) tem uma equipe de Assessores Pedagógicos dos anos iniciais que produz um material de apoio pedagógico mensal disponibilizado para todos os professores a fim de ajudá-los a planejar aulas com uma rotina diária e sequência didática contendo os conteúdos da Matriz Curricular e temas mensais. É encontrada nas escolas uma variedade de materiais pedagógicos, acervos de livros didáticos oferecidos pelo FNDE através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), laboratórios de informática e biblioteca, livros literários, e na maioria há o apoio da professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com a sala multifuncional⁵.

O Município oferece, no Centro de Formação de Profissionais da Educação, cursos gratuitos para o aprimoramento do professor alfabetizador, dando subsídio e condições para uma prática efetiva na sala de aula e, conseqüentemente, uma aprendizagem significativa para

⁵ Conjunto de equipamentos de informática, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade para a organização do espaço de atendimento educacional especializado.

os alunos. Mas mesmo com esse aparato e ações, os instrumentos de diagnóstico apontaram que ainda existem um grande número de alunos no 2º ano sem se apropriar do nosso sistema alfabético de escrita.

Com base nos dados coletados no primeiro semestre de 2012, da Provinha Brasil e diagnóstico das hipóteses de escrita dos alunos, foi constatado que as crianças precisam avançar no processo de alfabetização e letramento, pois os recursos oferecidos não foram suficientes, surgindo à necessidade de uma proposta de ação pedagógica.



Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Anápolis – Departamento Pedagógico – Anos Iniciais – Ensino Fundamental – junho/2012.

Segue as orientações para interpretação dos resultados da Provinha Brasil:

NÍVEL TRÊS – 58%	
HABILIDADES DEMONSTRADAS	SUGESTÕES DE ATIVIDADES
<ul style="list-style-type: none"> AS CAPACIDADES REVELADAS NESTE NÍVEL SÃO, POR EXEMPLO: LER PALAVRAS COMPOSTAS POR SÍLABAS CANÔNICAS E NÃO CANÔNICAS; IDENTIFICAR O NÚMERO DE SÍLABAS DE PALAVRAS; LER FRASES DE SINTAXE SIMPLES BASEADAS EM IMAGENS OU DITADAS PELO APLICADOR; LOCALIZAR INFORMAÇÕES, POR MEIO DA LEITURA SILENCIOSA, EM UMA FRASE OU EM TEXTOS DE APROXIMADAMENTE CINCO LINHAS. 	<ul style="list-style-type: none"> DEVEM-SE INTENSIFICAR O TRABALHO COM OUTROS GÊNEROS, COMO CONTOS, POEMAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS; RECOMENDA-SE REALIZAR PRODUÇÕES COLETIVAS OU INDIVIDUAIS DE GÊNEROS DIVERSIFICADOS; EXPLORAR ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM VOZ ALTA COMO: RECITAÇÃO DE POEMAS OU INTERPRETAÇÃO CÊNICA DE HISTÓRIAS ESCRITAS, A FIM DE PERMITIR AO ALUNO O ALIMENTO DA VELOCIDADE E DA ENTONAÇÃO NA LEITURA, PARA ATINGIR A FLUÊNCIA.

NÍVEL QUATRO – 41,99%	
HABILIDADES DEMONSTRADAS	SUGESTÕES DE ATIVIDADES
<ul style="list-style-type: none"> LOCALIZA INFORMAÇÕES EM TEXTOS CURTOS OU MÉDIOS; IDENTIFICA A FINALIDADE DE TEXTOS DE GÊNEROS DIVERSOS, COMO BILHETE, SUMÁRIO, CONVITE, CARTAZES, LIVRO DE RECEITAS; IDENTIFICA O ASSUNTO DE UM TEXTO MÉDIO A PARTIR DA LEITURA INDIVIDUAL; FAZ INFERÊNCIAS SIMPLES. 	<ul style="list-style-type: none"> ATIVIDADES QUE ENVOLVAM A COMPREENSÃO E USO DE TEXTOS VARIADOS, COM ESTRUTURA MAIS COMPLEXA E TEMAS DIVERSIFICADOS E QUE CIRCULEM EM DIFERENTES ESFERAS SOCIAIS.

Fonte: Ministério da Educação – Provinha Brasil – Guia de Correção e Orientação do Resultado/2012

“Remanejamento” foi o nome dado à ação pedagógica destinada a todas as Unidades Escolares com turmas de 2º ano, de caráter emergencial e temporário em fase de adaptação, sendo esse projeto piloto para tentar reverter o quadro apresentado nos resultados obtidos, e essa ação mais efetiva visa à aceleração do processo de aprendizagem dos alunos, partindo do princípio da dificuldade do professor em fazer as devidas intervenções e diferentes encaminhamentos de atividades diferenciadas para vários alunos, em uma mesma turma, com níveis diferentes de hipótese de escrita – sendo estes Pré Silábico1, Pré Silábico2, Silábico

Sem Valor Sonoro, Silábico Com Valor Sonoro, Silábico Alfabético e Alfabético, já citados e definidos anteriormente.

Numa sala de aula heterogênea, carregada de subjetividade, de histórias e percursos distintos, há uma tendência para a uniformização: ensinar a todos, que são diferentes, de uma única forma. Todos aprendem igualmente e ao mesmo tempo? Como atender à heterogeneidade preso a conteúdos escolares determinados e tempo pré-definido em 200 dias letivos? E aqueles que precisam de mais tempo, quando serão atendidos? A formação do professor consegue oferecer-lhe suporte para ações de intervenção pedagógicas complexas?

Nesse sentido, surge a ação do Remanejamento, ou seja, as unidades escolares foram orientadas a reagrupar/reorganizar os alunos das turmas do 2º ano a partir dos níveis mais próximos de escrita, a fim de oportunizar o avanço da aprendizagem para todas as crianças. Duas vezes por semana os professores planejam atividades desafiadoras que contemplem as necessidades desses alunos. Para Zabala (1999),

Uma revisão das formas de organização grupal nos permite fazer uma classificação mais ou menos esquemática das diferentes maneiras de agrupar os meninos e meninas em classe. Nesta Classificação podemos observar que as diferenças mais características das diversas formas de agrupamentos estão determinadas por seu âmbito de intervenção: grupo/escola e grupo/classe; e em cada uma delas conforme o trabalho seja realizado com o todo o grupo ou com grupos ou equipes fixas ou móveis. E também deve se precisar, nos dois âmbitos, se os critérios que se utilizaram para estabelecer estes agrupamentos foram a homogeneidade ou a heterogeneidade dos mesmos em relação à consideração de sexo, nível de desenvolvimento, conhecimentos, etc. (ZABALA,1999, p.112).

Para organização do Remanejamento nas unidades escolares o Departamento Pedagógico dos Anos Iniciais da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis, enviou algumas diretrizes para melhor organização da ação e que devem ser ajustadas de acordo com a realidade de cada escola.

1. Levantamento dos alunos do 2º ano do segundo bimestre de acordo com as hipóteses de escrita (diagnóstico do 2º bimestre).
2. O remanejamento acontecerá as terças e quintas-feiras durante o período integral.
3. Os alunos deverão ser agrupados em salas segundo as hipóteses de escrita.
4. À medida que os alunos avançarem nas hipóteses de escrita deverá mudar de sala.
5. O planejamento deverá ser específico para a sala de acordo com a hipótese de escrita e entregue à coordenadora pedagógica com antecedência para possíveis observações e seleção de materiais.
6. No planejamento devem constar atividades que contemplem oralidade, escrita e jogos.
7. Durante as visitas pedagógicas realizadas pela assessoria as atividades bem como o planejamento do remanejamento serão solicitados.
8. Nos dias em que os alunos não estiverem no remanejamento o professor regente deverá planejar atividades diversificadas para esses alunos que ainda não estão alfabéticos.
9. Depois do remanejamento organizado fazer um documento e enviar à secretaria de educação para a gerente de ensino Maria Cristina da Silva até o dia 15/08/12.

10. O remanejamento deverá acontecer até o final do ano letivo de 2012.
11. O remanejamento não é opcional.

Na prática, as unidades escolares se organizaram de acordo com suas realidades, diferenciando algumas situações: escolas com apenas uma turma de 2º ano e uma turma de 1º ano optaram por Remanejar/reorganizar/reagrupar as crianças dessas turmas, separando os alunos em grupos de não alfabetizado e de alfabetizado, optando pelo rodízio de alunos e professores; escolas com apenas uma turma de 2º ano envolveram a coordenadora pedagógica e a professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Enquanto isso, a professora ficaria com os não alfabetizados e a coordenadora com os demais alunos; escolas com duas ou mais turmas de 2º ano, fizeram o rodízio de alunos e professores; houve escolas em que a Equipe Gestora optou em estender essa ação do remanejamento também para os 1º anos fazendo rodízio de alunos e professores. De acordo com Zabala (1999),

De algum modo, nós educadores, temos em mãos alguns instrumentos educativos que não são em si mesmos, mas que são basicamente ferramentas que podem ser adequadas para satisfazer determinadas necessidades educativas. Nossa tarefa consiste em conhecer estas potencialidades didáticas, sem renunciar, por princípio, a nenhuma delas, e utilizá-las convenientemente quando necessário. (ZABALA, 1999, p.114)

Após planejar os agrupamentos com base no diagnóstico de escrita, procedeu-se a informar os pais e as crianças da troca de professora, de sala de aula e o objetivo da ação. Alguns transtornos aconteceram com o início da ação: choro de crianças que recusaram a troca da professora, salas de aula cheias em alguns grupos, falta de estratégia pedagógica no planejamento e execução da aula para esse dia intencional, planejamento adequado e não executado, insatisfação de professores com relação à aceitação da ação e rejeição de alguns em trabalhar com o grupo de alunos não alfabetizados. No entanto, de acordo com Nóvoa (1999),

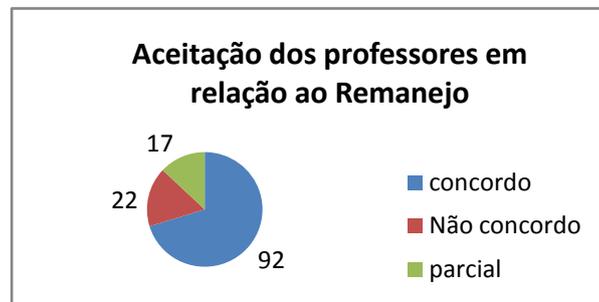
A “refundação da escola” tem muitos caminhos, mas todos eles passam pelos professores. Esta profissão representou no passado, um dos lugares onde a ideia de escola foi inventada. No presente, o seu papel é essencial para que a escola seja recriada como espaço de formação individual e de cidadania democrática. Mas, para que tal aconteça, é preciso que os professores sejam capazes de refletirem sobre a sua própria profissão, encontrando modelos de formação e de trabalho que lhes permitam não só afirmar a importância dos aspectos pessoais e organizacionais na vida docente, mas também consolidar as dimensões coletivas da profissão. (NÓVOA, 1999, p.20)

4. Relatório da pesquisa campo

De acordo com os dados coletados na pesquisa de campo realizada nas Escolas Municipais da cidade de Anápolis-Go acerca da ação pedagógica do Remanejamento, o envolvimento dos professores alfabetizadores do 2º ano do Ensino Fundamental é objeto de discussão, pois esta é fator decisivo para um resultado satisfatório, pois são eles, os professores, quem planejam, executam, fazem as intervenções em sala e definem as atividades mais adequadas ao nível de hipótese de escrita. Assim, é fundamental que o professor se responsabilize na/pela ação.

Foi aplicado um questionário para os professores para que eles pudessem relatar o que pensam sobre esta ação. A partir dos dados construídos e coletados foi feita a categorização dos itens, observando as opiniões mais próximas que foram transcritas em orações/frases, a fim de compartilharmos as angústias, os avanços, a disposição e aceitação do professor em participar desta ação, bem como o conhecimento do que fazer em relação ao processo de alfabetização.

Conforme disposto no gráfico abaixo, nota-se que num total de 131 professores pesquisados, 92 concordam com o Remanejamento. Em contrapartida, há uma proximidade no quantitativo daqueles que discordam (22 professores) e aqueles que concordam parcialmente com a ação (17 professores).



O trabalho com Remanejamento pressupõe uma mudança de paradigma, não apenas aos alunos, mas também aos professores, os quais devem rever a prática pedagógica especialmente para os educandos que não adquiriram o conhecimento esperado no final do primeiro semestre. É no início do segundo semestre que se encontram muitos alunos alfabéticos que conseguem realizar atividades sem depender tanto da intervenção do professor, que são capazes de pensar e responder com mais rapidez, ficando aqueles que ainda não são alfabéticos sem momentos específicos de aprendizagem. Então surge a importante tarefa de pensar em novas estratégias, tanto para o aluno alfabético como para o não alfabético. Desse modo, agrupar os alunos por níveis próximos na hipótese de escrita é uma

estratégia importante para o avanço da aprendizagem na alfabetização. Segundo os professores da Rede Municipal de Anápolis, o Remanejamento:

“Facilita o trabalho do professor no que se refere planejar, intervir, direcionar e elaborar atividades com níveis da hipótese da escrita; ou seja, atender um grupo homogêneo.”

O grupo se torna homogêneo relativo aos interesses e objetivos dos alunos que é a aquisição do código da escrita. Pensar em construir grupos homogêneos não foi a perspectiva da SEMED, mas formar/organizar agrupamentos produtivos com hipóteses de escrita aproximadas, para que os alunos pudessem consolidar opiniões sobre o sistema de escrita; sendo assim, capazes de interagir tanto com o colega como com o professor. De acordo com (Vygotsky;1994 apud Fichtner, 2011)

A criança atrasada abandonada a si mesma, não pode atingir nenhuma forma (mais desenvolvida) evoluída de pensamento abstrato e, precisamente por isso, a tarefa concreta consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança nessa direção. Para desenvolver o que lhe falta. (VYGOTSKY, 1994, P.113)

O professor poderá atender um pequeno número de alunos no grupo, no entanto, ele precisa planejar com frequência atividades que atendam os alunos por aproximação de compreensão da escrita. O planejamento será construído com base nas apostilas, temas e Matriz Curricular e fundamentado no saber dos alunos.

Portanto, exige-se que o professor analise sempre o desenvolvimento do aluno no seu individual e faça o diagnóstico do avanço que o educando já possui com a leitura e escrita. Deve-se sempre estar atento quanto ao modo como o aluno resolve as atividades, compartilha e interage com o grupo. O que dizem alguns professores da Rede Municipal de Anápolis, sobre o Remanejamento, é que:

“Possibilita trabalhar com um grupo menor e homogêneo; oportuniza a intervenção individualizada, permite o aluno pensar sobre a leitura e escrita através do lúdico e material concreto motivando-os a participarem e terem vontade de aprender”.

No momento de trabalhar com o grupo é preciso promover a reflexão sobre a aprendizagem, conhecer as teorias que propõem essa intervenção. É importante interagir, instigar, e ter certeza que está no caminho certo. Os educadores não podem transferir a responsabilidade da aquisição da aprendizagem para as famílias, uma vez que as mesmas não têm formação que conduz a tal feito. O educador não deve sonegar suas atribuições, mas deve compartilhá-las em grupo, desenvolver o espírito de cooperação, construir uma prática pedagógica que estimulará o interesse e a evolução da aprendizagem do seu alunado. Segundo professores da Rede Municipal de Anápolis, o Remanejamento:

“É trabalhoso, porém compensador quando o aluno tem interesse de aprender e há envolvimento da família.”

“Deveria acontecer no contra turno, pois no mesmo turno tira o convívio do aluno com seus colegas e torna-se exclusão. Dificulta também a execução da Matriz Curricular e outras atividades que precisariam ser trabalhadas”.

“Necessita de ajustes, deveria ser planejada no início do ano com ajuda da coordenadora pedagógica, com alunos da mesma série, estratégias diferentes e específicas, sendo contínua e não duas vezes semanais”.

“A ação rende pouco, salas lotadas, o aluno tem dificuldade de assimilação, ano de escolarização diferente não dá certo; mesmo com estratégias diferenciadas, torna-se árduo para o aluno e professor”

“É a professora regente que compreende melhor as dificuldades e os pontos a serem trabalhados, existe vínculo afetivo entre professor e aluno; a rotatividade de professores no remanejamento gera desgaste”.

“Houve uma redução da produtividade dos alunos alfabéticos, nota-se que prejudica uma maioria em detrimento da minoria”.

“O agrupamento torna-se segregação dos alunos, é uma forma de exclusão”.

De acordo com Telma Weisz, entrevistada pela Revista Nova Escola “a saída é a formação do professor alfabetizador”. Verifica-se que a SEMED vem trabalhando para um ensino de qualidade, oferece cursos gratuitos, propõem grupos de apoios nas unidades escolares. Mesmo assim, ainda há muitos profissionais da educação resistentes, talvez não compreendam a proposta a ser executada. Portanto, as respostas do questionário afirmam que os professores ainda estão estacionados em perspectiva teórica tecnicista⁶.

Muitos professores são negativos na ação do remanejamento conforme perguntado no questionário. Ao contrário, alguns citaram que “a ação oportuniza a interação e troca de experiência de professor para professor”. Outros, porém mencionaram pontos negativos como:

“O Remanejamento em anos diferentes 1º e 2º ano aglomerando muitos alunos na mesma sala”;

“Alunos faltosos e desinteressados, indisciplinados”;

“Alunos de inclusão ou de outras séries na sala dos alunos não alfabéticos”;

“Rotatividade dos professores em uma mesma turma, fazendo com que o aluno fique sem referência”;

“Falta apoio pedagógico e material, bem como falta de apoio familiar”;

“Agitação da turma ao trocar de sala”;

“Dificuldade em cumprir a Matriz Curricular, atrapalha a rotina da sala não tem continuidade no conteúdo”;

“Sentimento de exclusão”;

⁶ Os conteúdos de ensino são por princípios científicos. Os métodos de ensino são através de procedimentos que assegurem a transmissão e recepção de informações. O professor é o elo entre a verdade científica e o aluno.

“Responsáveis insatisfeitos”;
 “Pouco rendimento na aprendizagem dos alunos”;
 “Dificuldade em dar assistência individualizada”;
 “Gera cansaço e desgaste físico e mental para o professor”;
 “Caderno desorganizado de acordo com a rotina de sala”;
 “Tinha que ter iniciado no começo do ano”;
 “Choro das crianças e resistência em mudar de sala”.

De acordo com Young (2007, p.1293), “a ideia de que a escola é primordialmente um agente de transmissão cultural ou de conhecimento nos leva a pergunta ‘Que conhecimento?’ e em particular questiona que tipo de conhecimento é responsabilidade da escola transmitir.” O objetivo maior não pode ser perdido diante das barreiras existentes, mas o que é direito dos alunos em aprender, a apropriação do código de escrita é um conhecimento poderoso de emancipação do sujeito.

As respostas dos professores foram analisadas a partir da pergunta: “É fato científico as hipóteses de evolução de escrita. Mas está claro para a escola o que fazer depois de diagnosticá-las a fim de atender todos os alunos para avançarem”? A grande maioria disse que não tem clareza do que fazer, outros disseram que sim, mas não especificaram nenhuma ação, quase na mesma proporção, os professores deixaram de responder. Outros responderam que “devem trabalhar atividades diferenciadas, contextualizadas, desafiadoras e leitura de textos variados com intervenções individualizadas a cada nível levando em consideração as habilidades individuais dos alunos”, sendo que já realizam com os alunos e tem dado resultados positivos. Neste sentido, entende-se que professor precisa

“Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão”.
 (NOVOA, 1999, p.49)

Relataram também atividades ou situações que favorecem a aprendizagem dos alunos como: “Planejar atividades direcionadas para o agrupamento produtivo dos alunos, utilizando alfabeto móvel, jogos, ditado visual e brincadeiras. Oportuniza a troca de experiência com as colegas e motiva a curiosidade para busca de cursos de formação”. Para Weisz (2002),

Desse ponto de vista, é preciso que o professor crie situações didáticas que possibilitem às crianças vivenciar, na sala de aula, os usos sociais da escrita, compreendendo as características dos diferentes gêneros textuais, em situações comunicativas específicas e reais e, assim, compreender o sistema pelo qual a língua é grafada. (WEISZ, 2002, p.60)

Uma minoria de professores “delegaram a terceiros o que fazer”, crendo que os fatores externos como familiares, falta de ajudante em sala, coordenadora pedagógica e professora de AEE influenciam na aprendizagem das crianças. Segundo Nóvoa (2007),

Uma escola focada na aprendizagem deve ser um local onde as crianças aprendem a estudar, aprendem a trabalhar. Hoje há um déficit claro: nossas crianças aprendem pouco a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida. (NÓVOA, 2007, p.9).

5. Considerações finais

Observando a dificuldade dos professores em trabalhar com os vários níveis de escrita em uma mesma sala de aula com oportunidades de avanço para todos, é que o agrupamento torna-se ferramenta nessa ação, propondo uma nova possibilidade em sala de aula para os alunos não alfabéticos, propiciando a reflexão sobre o nosso sistema de escrita, uma vez que os alunos alfabéticos também podem avançar na questão de ortografia, gramática, leitura e outros conteúdos. Estabelecer esse momento na semana foi uma maneira encontrada para que os dois grupos de alunos evoluíssem no processo de ensino e aprendizagem.

Para analisar a eficácia da ação pedagógica do Remanejamento, considera-se o tempo da execução da ação que não foi suficiente para os resultados almejados, mas ao comparar com os dados dos diagnósticos de hipótese de escrita do 3º bimestre de 2011 e de 2012, apontam um aumento de alunos alfabéticos de um ano para outro, de 75,5% para 77,1%. Poderá ainda fazer análise dos resultados de cada escola separadamente, apresentando uma melhora significativa em algumas e em outras não. Esta ação não se findou, está ainda em processo e somente ao término do ano letivo é que poderemos avaliar mais detalhadamente os resultados da mesma.

Para melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem, nota-se que o processo de alfabetização é complexo e exige estudo por parte dos educadores e a formação continuada é a solução para a eficácia deste processo, uma vez que oportuniza a troca de experiência com os colegas e busca soluções para os problemas detectados nas práticas de sala de aula, tornando professores reflexivos mantendo o foco do objetivo da escola, que é de ensinar todos os alunos. Sendo que a teoria deve caminhar com a prática, nós educadores não podemos ficar no saber do senso comum para justificar os problemas.

Ao enfrentar o grande desafio de ter alunos que estão dentro de uma escola e não se apropriam do saber, percebe-se a complexidade e requer ação diária na sistematização para solução deste problema.

6. Referencias bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação – *Provinha Brasil* – Guia de Correção e Orientação do Resultado/2012.

BRASIL, Ministério da Educação. *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores* Coletânea de Textos. Módulo 2. 2001.

COLELLO, Silvia M. Gasparin. *Textos em contextos: Reflexões sobre o ensino da língua escrita*. São Paulo : Summus, 2001.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FICHTNER, Bernd. *O paradigma histórico-cultural (Vygotsky e Leontiev) Perspectivas e limites*. Programa Internacional de Pós-Graduação – International Education DINEDD Universidade de Siegen/Alemanha, 2011.

NÓVOA, António. *Desafios do trabalho do professor num mundo contemporâneo*. São Paulo, em out./ 2006. Ed. SINPRO-SP jan. 2007, São Paulo.

NÓVOA, António. *Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. Universidade de Lisboa 16 nov./13 dez. Lisboa – Portugal, 1999.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ANÁPOLIS – Departamento Pedagógico – Anos Iniciais – Ensino Fundamental - *Gráficos e Tabelas*– junho/2012.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *Acriança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 9ª ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000 (Coleção passando a limpo)

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. 4ª ed.- São Paulo: Contexto 2006.

WEISZ, Telma. *O diálogo e Tabelas*– junho/2012.

YOUNG, Michael. *Para que servem as escolas?* Educ. Soc., Campinas - São Paulo, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007 1287.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. ROSA, Ernani F. da F. (Trad.). Porto Alegre: ArtMed, 1998.